

História nas lentes: imagens fotográficas de Feira de Santana (1968-1988)

Aldo José Morais Silva*

RESUMO: O presente texto discute a produção de uma narrativa histórica sobre a cidade de Feira de Santana (BA) a partir das imagens feitas pelo fotógrafo Antônio Magalhães (1935-) entre 1968 e 1985. A proposta baseia-se na visão de que o profissional é um leitor privilegiado da experiência urbana e, com suas leituras, produz uma interpretação da história local, narrada em suas fotografias do espaço citadino. Em sua leitura da cidade, a imagem resultante difere da versão dominante, em que esta tem sido historicamente apresentada como o maior entroncamento rodoviário do norte-nordeste, para caracterizá-la como o resultado de diferentes percepções e experiências, produzidas por atores variados, atuantes no fazer da cidade.

Palavras-chave: fotografia; narrativa; Feira de Santana (século XX)

ABSTRACT: The following paper discusses the production of the historical narrative about Feira de Santana town (in state of Bahia, in Brazil) through photos made by a photographer called Antônio Magalhães (1935-) between 1968 end 1985. The intent is based in vision of the professional like a privileged reader of urban experience and, with his readings, to produce a interpretation of the local history, reported in his photographs from the urban space. In his readings of the city, the image produced is different from the principal image; that display the town like the major highway crossing point of the north end northeast of Brazil, preferring to show the town like a product of different perceptions and experiences, produced by several actors, in performance with town.

Keywords: photography; narrative; Feira de Santana (XXth century).

Viver em uma cidade, ou num sentido mais amplo, viver *a* cidade, é sempre uma experiência singular. Trata-se de uma singularidade determinada pelas características espaciais do lugar que, como resultado do esforço humano para subjugar a natureza, assume sempre feições únicas, por mais que este esforço disciplinar obedeça a modelos e convenções pré-estabelecidas. Assim, o traçado das ruas, a disposição das casas, a existência e distribuição dos prédios e espaços públicos conferem a cada cidade o seu primeiro e mais imediato elemento de urbanidade convencional e, ao mesmo tempo, suas feições próprias e particulares, inconfundíveis com outros contextos e, por isso mesmo, definidoras em boa medida da identidade do lugar (BRESCIANNI, 1998: 237).

Ocorre que frequentemente tais elementos passam despercebidos aos que vivem na cidade. Alguns indivíduos, contudo, conseguem superar essa miopia auto-identitária, e tal como o *flâneur*, de Vitor Hugo, percorrem “a cidade, em seus detalhes e minúcias, dela conhecendo todos os meandros” (PESAVENTO, 1999: 82). Alguns deles são os boêmios-

* Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutor em História.

literatos que vivem a cidade em sua plenitude, contatando espaços e tipos dos mais prestigiados aos mais execrados. Outros são viajantes, para os quais a cidade (e suas práticas) pode se revelar, não de forma automática, mas como uma experiência de contraposição e constatação frente à história e à origem de quem a vê (SOUZA, 1996: 189-198).

A experiência do fotógrafo Antônio Magalhães (1935-) na cidade baiana de Feira de Santana, entre 1968 e 1985, situa-se na intersecção dessas duas perspectivas. Mineiro da pequena cidade de Entre Rios, estabeleceu-se em Feira de Santana em 1964, após residir por cerca de dez anos no Rio de Janeiro, dando início a sua atividade de fotógrafo profissional em 1968. Como tal não tardou em converter-se num dos principais fotógrafos dos eventos da alta sociedade feirense, bem como no primeiro foto-jornalista de rua da cidade, atuando no periódico ‘Feira Hoje’¹.

Nesse mesmo período a cidade baiana de Feira de Santana passava por uma fase de significativas transformações, motivadas pelo revigoramento de um imaginário modernizador que objetivava promover a atualização do projeto urbano. Tal afã modernizador não constituía exatamente uma novidade para a elite dirigente feirense que, desde o início do século XX, elegera a modernização e civilização da sociedade como uma meta (SILVA, 2000: 143-163), seguindo a trilha de muitas das capitais brasileiras, num processo fenômeno já bem conhecido (REIS FILHO, 2000: 103-105). Naquele momento, contudo, as mudanças em curso, mais do que o reordenamento urbano, visavam a construção e fortalecimento de uma rede de serviços (escolas, hotéis, hospitais, observatório e a universidade), bem como o forte estímulo (através dos recursos federais da SUDENE) à industrialização do município, através da constituição do Centro Industrial do Subaé (CIS). Essa última medida, em particular, deveria possibilitar a ampliação das bases da atividade econômica do município, que deixaria de ser ‘apenas’ a Cidade Comercial de Feira de Santana², para se converter também num pólo industrial com projeção pelo menos equivalente àquela que o comércio lhe concedera.

Com um olhar perspicaz e a experiência de quem conhecera a pacata vida interiorana de sua infância e juventude bem como a dinâmica agitação da cosmopolita cidade

¹ A expressão ‘fotógrafo de rua’, usada pelo próprio Antônio Magalhães, visa distinguir sua produção imagética jornalística daquela até então realizada na cidade, caracterizada por ser, ainda na década de 1960, produzida em estúdios ou com máquinas fotográficas fixas, mesmo nos ambientes externos, sendo o primeiro a fazer uso de máquinas portáteis e a produzir imagens jornalísticas mais próximas das situações e momentos em que ocorreram.

² Embora tenha ostentado o título de Cidade Comercial, outorgado em 1873, Feira de Santana, de fato, contou desde fins do século XIX, com um setor industrial vinculado às atividades agropecuárias da região, como curtumes, fábricas de vinhos de jurubeba, charqueadeiras, movelarias, usinas de beneficiamento de algodão e de fumo, entre outras. Essa industrialização, além da forte ligação com as características econômicas regionais, pode ser definida por um padrão de investimentos familiares e locais, além de contar também com uma mão-de-obra predominantemente familiar.

do Rio de Janeiro, o fotógrafo Antônio Magalhães reconheceu naquela Feira de Santana do final da década de 1960 um universo em transição entre aquelas experiências anteriores. Tal leitura da cidade, que adotou como sua, foi por ele relatada em sua vastíssima produção imagética (estimada em cerca de 20 mil imagens), reunida em décadas de atividade profissional, apresentando personagens, espaços, monumentos e eventos singulares da história local segundo uma perspectiva muito particular e distinta dos cânones socialmente instituídos para a representação da cidade, cuja imagem buscava-se associar às noções de modernidade e progresso. Tratava-se de um esforço de construção identitária cultivada em prosa e verso desde os anos 30 (OLIVIERI-GODET, 1999: 25-29). Na década de 70 os jornais locais deram continuidade ao esforço, tendo um deles, num único número, anunciado: “Feira lidera a economia baiana”, “Crescimento de Feira é evidente”, “Diretor [da revista] Manchete visita Feira” (FEIRA HOJE, 18/07/1976: 3), num ideário que não tardou em converter-se em epítetos como “maior entroncamento do norte-nordeste do país” ou “principal cidade do interior do estado”, em grande medida ainda cultivados na atualidade (FEIRA DE SANTANA, 2007).

A cidade narrada pelo fotógrafo em sua produção imagética não é, portanto, a do entroncamento rodoviário (ou não apenas esta), mas um cenário de ‘realidades’ superpostas, resultado de diferentes percepções e experiências, produzidas por atores variados que a fazem simultaneamente moderna e arcaica, urbana e ruralizada, dinâmica e morosa. Como consequência, sua produção imagética é concebida como uma produção textual, conforme abordagem já bem difundida (CARDOSO; MAUAD, 1997: 404), cuja mensagem deve ser interpretada não apenas mediante o acréscimo de uma referência histórica externa, mas como documentos a partir dos quais tal história pode efetivamente ser produzida (MENESES, 2003: 11-36).

Desse modo, a primeira inferência que nos é possibilitada por sua produção é a de que, no final da década de 1960, Feira de Santana apresentava-se ao fotógrafo como uma cidade perdida entre elementos urbanos e as reminiscências de um mundo rural, das quais a sociedade procurara desvencilhar-se há muito tempo. Duas das imagens por ele construídas (Ilustração 01 e 02) evidenciam tal persistência. Tratam-se de imagens produzidas com apenas 5 anos de intervalo em si, mas que parecem, à primeira vista, oriundas de temporalidades muito mais distantes.

A primeira dessas imagens é uma das mais artísticas criadas pelo fotógrafo: a figura do velho vendedor ambulante e seu animal de carga. Foto meticulosamente construída, na pose consciente do homem e na imponência que o fotógrafo lhe confere, dando-lhe uma

dominância absoluta sobre o aparentemente circunstancial cenário de fundo, a imagem revela, não obstante, aquela figura como uma reminiscência de antigas práticas de comércio e trabalho já em extinção na cidade, em fins da década de 1960.



Ilustração 1 - Vendedor ambulante (1969)
Foto: Antônio Magalhães

O homem, sua atividade e o próprio cenário de fundo, bem poderiam figurar em qualquer momento do século XIX, mas a casa em questão, tipicamente rural (e uma das mais antigas construções daquela área), era a sede de uma chácara encravada num dos principais bairros residenciais naquele momento. Já no que diz respeito ao homem e seu animal, embora aquele tenha montado o jumento para o registro, os pés descalços e grossos daquele senhor negro, assim como a postura tensa do animal sobrecarregado, não deixam dúvidas, em sua faina diária condutor e animal percorriam lado a lado as ruas da cidade ofertando produtos agrícolas pelas ruas das áreas residenciais da cidade, vindos provavelmente de um sítio ou de qualquer pequena propriedade rural dos arredores da urbe.

O animal de carga, os cestos de cipó trançado e a venda de porta em porta, já começavam a se converter (ou ser convertidos) em elementos dos museus ou das lembranças na cidade que ansiava por tornar-se moderna e urbanizada. Os supermercados, os carros, outra velocidade, outra relação com o comércio se estabelecia no cotidiano. O comércio, em particular, torna-se atividade específica de uma área da cidade, donde as habitações são praticamente extirpadas – passa-se, com maior distinção, a ir ao comércio pois este já não mais perambula pela cidade em lombo de animal. Aquele personagem, que podia dedicar-se também à venda de água pela cidade³, chamou a atenção do fotógrafo, portanto,

³ Até meados da década de 1970, o serviço de abastecimento de água em Feira de Santana era bastante irregular e limitado aos bairros centrais. Persistiam assim os ‘aguadeiros’, vendedores de água potável em barris, oriundas das diversas cisternas ou olhos d’água da cidade. A chácara na qual o velho vendedor foi fotografado era

simultaneamente por sua organicidade e excepcionalidade na experiência da cidade, em seus diferentes momentos.

Trata-se de um reconhecimento das diferentes temporalidades experimentadas na cidade, uma ‘procura pelo passado’, ou o ‘mero’ reconhecimento deste em meio ao cotidiano e, por extensão, trata-se da evidência de que para o fotógrafo a experiência histórica do lugar nunca esteve condicionada ou limitada aos elementos de uma história oficial, desprovida dos rostos e vozes que compõem o mosaico da vida cotidiana, preferindo a esta o reconhecimento dos personagens anônimos e dos espaços plurais da urbe.



Ilustração 2 – Rotatória (hoje inexistente) do cruzamento das Avenidas Getúlio Vargas e Maria Quitéria (1974)
Foto: Antônio Magalhães

Esta coexistência de universos distintos reaparece na panorâmica (Ilustração 2), feita de cima do Feira Palace Hotel, em que foi enquadrada a rotatória (hoje inexistente) do cruzamento das avenidas Getúlio Vargas e Maria Quitéria, captada em boa parte de sua extensão. No enquadramento adotado o fotógrafo ‘condensou’ na cena uma vasta área permeada por elementos antagônicos, cuja primeira expressão é a feição ruralizada da zona residencial mais ao fundo, ou seja, é a sua configuração ainda entrecortada por vastas áreas de terrenos que não são, em sua maioria, baldios. Tratam-se de amplos quintais e chácaras, fartamente aquinhoados com árvores frutíferas. Reminiscências de um outro tipo (não especulativo) de relação com terra, ao que se contrapõem as demolições flagradas e que já apontam para a estruturação de uma cidade que ‘devora’ o rural.

Um segundo aspecto da mesma imagem reside no pequeno número de automóveis captados pelo fotógrafo num horário – meio dia – normalmente caracterizado pelo

conhecida pela boa qualidade da água de sua cisterna, sendo por isso um dos principais pontos de fornecimento do precioso líquido para inúmeras residências e até mesmo aos batalhões da polícia e do exército.

adensamento do volume de tráfego em cidades de grande porte (que Feira de Santana pretendia ser). Aquela zona, mesmo abrigando o maior hotel da cidade, até aquele momento, ainda era de fato uma área periférica em relação às atividades comerciais. De modo emblemático, a área essencialmente residencial não conhecia o ritmo acelerado do trânsito, seu tempo ainda é – diferente do centro comercial – mais lento, e os poucos e espaçados veículos circulantes permitiam a circulação tranqüila dos pedestres.



Ilustração 3 - Vista da feira-livre na Avenida Getúlio Vargas - centro da cidade (1972)
Foto: Antônio Magalhães

A permanência de elementos rurais no ambiente urbano, contudo, há muito era combatido por boa parte da municipalidade, e não havia símbolo maior de tais inquietações do que a grande feira-livre semanal (Ilustração 3), cuja existência remontava ao século XVIII e era reconhecida como o elemento originador da cidade, a ponto desta tê-la incorporado ao próprio nome da urbe, a *Feira* de Santana (ANDRADE, 1980: 69-88).

Esta mesma feira-livre, razão de ser da cidade por tantos anos, converteu-se no último e o mais perceptível alvo do projeto de modernização de Feira de Santana, levado a cabo na década de 1970. Para por fim à feira, entretanto, uma ambiciosa alternativa teve de pensada e viabilizada, tomando forma com a construção do complexo do Centro de Abastecimento, inaugurado em 7 de novembro de 1976, pelo então Prefeito José Falcão da Silva. Tal transferência, contudo, não se deu sem tensões. Diversos foram os adiamentos da retirada da feira-livre do centro, e muitas foram as queixas e incertezas dos feirantes quanto à viabilidade do novo (e afastado) local que lhes era destinado.



Ilustração 4 - Instalações do complexo do Centro de Abastecimento de Feira de Santana (1977)
Foto: Antônio Magalhães

Esse momento também não escapou ao fotógrafo. O desafio de retirar o fervilhar de gentes e mercadorias que historicamente serpenteava pelas principais artérias da cidade foi lido em três momentos: no primeiro (Ilustração 4), uma vista aérea apresenta o complexo que buscava mostrar-se capaz de absorver a multidão de feirantes, habituada a transitar pela Feira. Elaborada pela contraposição entre uma cidade ainda rarefeita e uma obra imponente, a imagem traduz a admiração do fotógrafo diante das proporções do conjunto de 13 mil m², 8 mil dos quais de área coberta.



Ilustração 5 - Abertura dos portões durante a inauguração do Centro de Abastecimento (1976)
Foto: Antônio Magalhães

No segundo momento, duas imagens. A primeira mostrando a abertura dos portões do Centro de Abastecimento (Ilustração 5), após a solenidade de inauguração, em que o Prefeito José Falcão e sua comitiva descem as escadas envoltos pela massa de feirantes, que

vislumbravam pela primeira vez o espaço que lhes seria destinado. Cronista atento com pequenos detalhes do cotidiano, o fotógrafo evidencia uma contradição: enquanto o séquito oficial demonstra empolgação com o empreendimento, os futuros usuários parecem deslocados no novo espaço.

A foto em questão pode sugerir à primeira vista (e considerando a impossibilidade aqui de uma exposição mais panorâmica – e elucidativa – de sua produção), ser um simples registro oficial. Mas é na sua contraposição com outros momentos e personagens, bem como no ângulo adotado (em que invariavelmente cabe o cidadão comum) que está a peculiaridade do olhar desse fotógrafo, preocupado sim em registrar o momento histórico, mas com todos os seus atores – sejam as autoridades (tema, de fato, minoritário mesmo nos seus registros de eventos públicos), sejam os anônimos, principalmente eles e suas reações e relações com o contexto do registro.

Tal olhar fica evidenciado na segunda imagem (Ilustração 6) em que, no mesmo dia, Magalhães capta o reconhecimento dos boxes pelos feirantes, observando, novamente, o ar de estranhamento destes com o novo ambiente, bem como as incertezas dos comerciantes quanto ao futuro e a viabilidade daquele distante local para os seus negócios.



Ilustração 6 - Feirantes fazendo o reconhecimento dos boxes do Centro de Abastecimento (1976)
Foto: Antônio Magalhães

O terceiro momento apresentado pelo fotógrafo pretende apresentar o derradeiro ato contra a velha feira-livre, concretizado no primeiro dia da feira no novo Centro de Abastecimento, em 10 de janeiro de 1977, após meses de incerteza quanto à mudança. Seu olhar sobre esse momento revela-nos a satisfação das autoridades com o êxito da transferência

(Ilustração 7). Situados em um dos pontos mais altos do Centro, o Prefeito e sua comitiva observavam o burburinho de feirantes, a se acomodar nas novas instalações, e da população em seu reconhecimento da nova ordenação dos espaços da feira.



Ilustração 7 - O prefeito José Falcão da Silva (em segundo plano) e sua comitiva na primeira feira nas instalações do Centro de Abastecimento (1977)

Foto: Antônio Magalhães

O projeto de modernização da cidade não se restringiu, contudo, a tais mudanças estruturais. Como já o dissemos, a ampliação de uma rede de serviços locais também foi amplamente cultivada no período em curso. Dentre esses os serviços de comunicação foram especialmente estimulados por seu potencial de divulgação das mudanças, além de serem tidos em si mesmos como uma expressão dessa modernização (caso da fundação e reestruturação dos jornais *Feira Hoje* e *Folha do Norte*, respectivamente, na década de 1970). Não por acaso ainda na década de 1960 a cidade viu nascer as rádios AM *Sociedade de Feira*, *Carioca* e *Cultura*, e nas duas décadas seguintes pelo menos outras três rádios FM (as rádios *Princesa*, *Nordeste* e *Antares*). Juntas as rádios eram uma demonstração do vigor comercial da cidade, capaz de sustentá-las com seus anúncios e propagandas, ao mesmo tempo em que atestavam a ampliação e diversificação do público ouvinte, reflexo direto do aumento populacional em curso.



Ilustração 8 - Cerimônia de inauguração da 'TV Subaé' de Feira de Santana (1985)
Foto: Antônio Magalhães

Foi também no âmbito das comunicações que se deu o que certamente foi identificado pela sociedade feirense como o marco capaz de coroar o processo de modernização que se processava na cidade há mais de uma década. Em 1985, era inaugurada em Feira de Santana a TV Subaé (Ilustração 8), propondo-se a, mais que meramente repetir o sinal da TV Globo, produzir uma programação local, sobre a cidade, para ela e para Bahia. A imagem daquele momento, apresentada pelo fotógrafo, reúne o Cura da Catedral e também um dos mais reconhecidos estudiosos da história local, o Monsenhor Renato de Andrade Galvão, e três dos prefeitos da cidade: José Falcão da Silva, em seu segundo mandato (de óculos, ao centro), João Durval Carneiro (o senhor mais alto) que lhe sucederia (também para um segundo mandato) e José Ronaldo da Silva (atual prefeito, em seu segundo mandato, na extremidade esquerda). Empresários e outras personalidades políticas integram também a cena na qual o guardião da memória local conduz a cerimônia de nascimento da empresa que, esperava-se, levaria o nome de Feira de Santana, sua imagem e seu progresso ao Brasil.

A cidade que pouco mais de dez anos antes torcia para que uma simples chuva não viesse a comprometer o sinal de TV, a fim de poder assistir as finais do campeonato nacional de futebol (FEIRA HOJE, 12/12/1976: 2), ostentava agora orgulhosa a sua primeira estação de TV. A urbe agora podia dizer-se inegavelmente grande, apresentando-se dali em diante como uma referência também na construção das imagens e seus discursos sobre toda a sua região de cobertura. Mais do que a palavra, a cidade detinha doravante o poder de convencimento das imagens e da televisão.

A percepção desses eventos pelo fotógrafo, sua narrativa atenta e ao mesmo tempo diversificada, evidencia a multiplicidade de leituras possíveis da experiência urbana, pelos atores que constituem. Com efeito, seu vastíssimo acervo imagético, embora produzido

no âmbito de lide profissional diária, jamais esteve ‘limitado’ à perspectiva meramente econômica, sendo-lhe intrínseca a intencionalidade documental, seja no registro do evento público oficial, de um casamento ou de um batismo. Tal intencionalidade deve fazer-nos refletir então sobre as outras diversas narrativas, nem sempre conscientes de sua historicidade, presentes no cotidiano e acessíveis ao historiador profissional, chamando-nos a atenção para constante necessidade de ‘procura’ por tais registros, bem como para o fato de que há efetivamente outros olhares, outras leituras (não profissionais, se preferirmos) em constante gestação sobre a história no seio da sociedade, não necessariamente menos profícuas, tampouco negligenciáveis enquanto expressões mesmas de uma dada historicidade.

Referências:

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. *Origem e povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial*. Salvador, 1980. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In. FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FEIRA DE SANTANA, Prefeitura Municipal. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/historico.htm>>. Acesso em: 02 maio 2007.

FEIRA HOJE. *Feira lidera a economia baiana; Crescimento de Feira é evidente; Diretor da Manchete visita Feira*. Feira de Santana: 18 set. 1976. p. 3.

FEIRA HOJE. *Será?* Feira de Santana: 12 dez. 1976. p. 2.

OLIVIERI-GODET, Rita. *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e modernização: entre o passado e o futuro (1808-1913). In. MOTA, Carlos Guilherme (org.) *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. A grande transação. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

SILVA, Aldo José Moraes. *Natureza, civilidade e comércio em Feira de Santana: a construção de identidade social no interior da Bahia (1832-1937)*. Salvador, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia.

SOUZA, Anlene Gomes de. O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e o imaginário da viagem. *Projeto História*. n. 13, p. 189-198, 1996.